

**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR PRESIDENT KENNEDY
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO – IFESP
CURSO DE 2ª LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM
LÍNGUA PORTUGUESA**

MEMORIAL: EDUCAR UMA REALIDADE EM PERMANENTE CONSTRUÇÃO

NATAL – RN

2013

MARIA GEZILENE ALVES DE SOUZA DANTAS DE ARAÚJO

EDUCAR: UMA REALIDADE EM PERMANENTE CONSTRUÇÃO

NATAL – RN

2013

MARIA GEZILENE ALVES DE SOUZA DANTAS DE ARAÚJO

EDUCAR: UMA REALIDADE EM PERMANENTE CONSTRUÇÃO

Memorial apresentado à disciplina de Prática Pedagógica III do curso de 2ª Licenciatura Plena em Letras, do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy como requisito para avaliação.

Orientadora: Profa. Tania Aires

NATAL – RN

2013

DEDICATÓRIA

A Deus, ser supremo, que me tomou pela mão,
permitindo atravessar as barreiras impostas pelo
cotidiano.

AGRADECIMENTOS

O Deus, pelo dom da vida e pelos caminhos que percorri, dando-me a oportunidade de participar das transformações da sociedade.

Aos meus pais Antônio Alves (*in memoriam*) e Gelza Alves, pelo milagre da vida e por tudo de profícuo que fizeram em prol da minha caminhada estudantil.

A minha irmã Javanira, pela compreensão nas horas mais difíceis desse trabalho.

As minhas filhas Geissy e Geciane, pela alegria constante, incentivando a caminhada.

Ao meu esposo Décio, pelo apoio moral, o carinho e o reconhecimento.

As amigas (a) Ana Raquel, Emília, Karla Geane, Mônica, Rosicleide, Monique que contribuíram com idéias e pela troca de conhecimentos.

E aos mestres que contribuíram para minha aprendizagem, meus reconhecimentos e agradecimentos.

O homem jamais se arrependerá de haver proporcionado a seu espírito todo elemento de juízo requerido pelo desenvolvimento pleno de suas aptidões e pelo exercício sem limitações de sua inteligência.

(Gonzáles Pecotche)

SUMÁRIO

1-Introdução	07
2-Portfólio: Novos Olhares: Construindo Uma Nova Prática	08
2.1-Literaturas de Língua Portuguesa III	08
2.2- Leitura e Produção de Texto III	09
2.3- Estilística.....	

1 INTRODUÇÃO

Atualmente concluindo o curso licenciatura Plena em Língua portuguesa no Instituto Presidente Kennedy (IFESP), defronto-me com a elaboração desse memorial de formação acadêmica intitulado, Educar: uma realidade em permanente construção, significando fazer um resgate da minha vida reviver momentos em termos morais, sociais, éticos e cognitivos. Recordar esses momentos é vive-los, trás uma satisfação, pois é a minha vida que vejo, analiso e reflito sobre o que me ajudou a ser a pessoa que sou. Escrever esse memorial se tornou um momento único que me permitiu também, analisar meu comportamento e ate que ponto influenciou ou não na minha formação intelectual.

Para tanto precisei recorrer as minhas memórias e as memórias de amigos e familiares que contribuíram na reconstituição dos fatos que deram origem a esse documento, bem como, aos conhecimentos adquiridos com os professores que ministraram as disciplinas neste curso. Valendo-me de fotografias e documentos escolares que me subsidiaram na seqüência lógica dos acontecimentos, além dos autores e suas teorias, das quais me apropriei para explicar e fundamentar os processos de ensino-aprendizagem pelos quais passei na fase de escolarização desde a alfabetização até chegar á faculdade.

Os acontecimentos aqui registrados ocorreram na cidade de Barcelona-RN onde nasci e vivi uma infância pobre sem recursos econômicos como milhares de outras crianças em nosso país, entretanto, me divertia muito brincando na rua com meus colegas, desse modo se deu minha adolescência e juventude e perduram até os dias atuais, compreendendo as décadas de 1970 e 1980.

Esse memorial trata, portanto, de uma reconstituição de fatos marcantes da minha vida, e busca a luz das teorias pertinentes explicar como se deu minha alfabetização e como procedeu minha vida escolar até a faculdade, ressaltando as partes positivas e negativas desse processo, objetivando uma análise critica das ações e posturas assumidas pelos docentes envolvidos, e o tratamento didático que utilizavam para o ensino-aprendizagem, permitindo-lhe uma reflexão crítica a cerca da educação e dos métodos utilizados para ensinar aos alunos as primeiras noçõesde leitura e escrita. O mesmo torna-se mister, uma vez que possibilitará uma retomada de valores, atitudes e opiniões que desencadearão situar a educação no tempo e espaço, e perceber que a mesma é uma realidade em permanente construção e que para tanto o professor não pode estagnar-se no tempo e precisa acompanhar seus avanços.

2 EDUCAÇÃO INFANTIL: Primeiros passos da longa caminhada

Início este capítulo com um breve histórico da educação infantil no Brasil para compreender o contexto em que fui inserida nesta modalidade de ensino. De acordo com Cerisara (2002), a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, do Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 e da Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996 e de suas deliberações para a área, alguns desafios e perspectivas tem sido colocados, visto que antes disso o atendimento a criança de 0 a 6 anos de idade era considerado assistência social.

Nesse sentido, embora proporcionasse aos alunos um rendimento mais satisfatório nos primeiros anos do ensino fundamental, a educação infantil não era acessível a toda as camadas sociais, o que foi uma falha para a educação brasileira. A dificuldade de acesso a essa modalidade de ensino atingiu principalmente as famílias mais carentes e dirigi-me para iniciar o processo de alfabetização através da educação informal. Ou seja, aquele tipo de educação que o individuo recebe em casa e que o meio tem uma influencia fundamental na formação de valores e construção de conceitos. De acordo com LIBANEO (1994, p.17), é aquela que:

Corresponde a processos, experiências, idéias, valores e práticas ligadas especialmente a uma instituição e nem são intencionais e conscientes. São situações experiências por assim dizer, causais, espontâneas embora influam na formação humana. (idem, ibidem).

E assim, que se processou minha educação infantil, na própria residência dos meus pais, na cidade de Barcelona (RN) com a minha genitora, quem mesmo não possuindo formação docente desenvolveu junto a mim a leitura. E a ela devo todo aprendizado do mencionado processo.

Comecei pela cartilha de ABC, que ensinava a leitura das letras que compõe o alfabeto e a codificação de cada uma delas, com o tempo, fui aprimorando leitura e escrita, isoladamente de qualquer contexto, depois sílabas, palavras e pequenos textos. Adaptei-me ao método desilabação, modo antigo de ensinar e foi com ele que me alfabetizei. Além da cartilha minha mãe me incentivou a aprender a tabuada aritmética que ensinava a contar os números e apresentava as quatro operações me mostraram resistente a divisão, porém,

consegui o objetivo tão almejado que era a aquisição da leitura, da escrita e noções das quatro operações.

Desse período de minha infância, o que me marcou e me deixou muitas saudades foram as brincadeiras de roda que realizava nas ruas. Eram para mim uma forma de liberar-me e expressar toda a minha criatividade ao inovar as brincadeiras e criar novas regras, incrementando o funcionamento das atividades. Observando as crianças hoje, reforço minha concepção de que brincadeira é fundamental para o desenvolvimento intelectual e social do indivíduo e percebo o quanto é motivador participar de algo que está em sintonia com o prazer. O brincar é tão importante para o ser humano como o respirar. Segundo o Referencial Curricular para a Educação Infantil (2001, p.27):

A brincadeira favorece a autoestima das crianças, auxiliando-os a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa. Brincar contribui assim para interiorização de determinados modelos de adultos, no âmbito de grupos sociais. Essas significações atribuídas ao brincar transformam-no em um espaço singular de constituição infantil. (Idem, ibidem).

É importante o lúdico na vida da criança, haja vista, que ele interage não só o social como também o intelectual, além de proporcionar a transformação do conhecimento que a criança já tem, favorece a criação de regras e limites e apresenta-se como forma de aprendizado infantil. Para FREIRE (1982), algo que não deve ser esquecido no brincar é a fantasia, porque o pensamento como o corpo, também precisa exercitar-se. Não permitir que a criança brinque com violência, mesmo porque só contribuirá para a socialização e integração dela com o seu meio, favorecendo a aprendizagem, seja ela formal que aprende na instituição escolar ou informal que se aprende em outras instituições que também participam da formação discente. No meu caso, como e o de várias crianças o brincar tornou-se importante, uma vez que, para nós não era acessível o contato com meios de comunicação que promovem diversão e entretenimento e com brinquedos que atraíssem nossa atenção o suficiente para deixarmos de brincar.

3ENSINO FUNDAMENTAL (1ª a 4ª série): o desafio continua

Ingressei na 1ª série do Ensino Primário durante a vigência da Lei 5 692/71 que fixava as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º grau. No entanto, com 8 anos de idade precisamente comecei estudar, isso se deu no ano de 1978 na Escola Municipal Eurico Gaspar Dutra, na cidade de Barcelona RN. Estudar com a professora foi uma experiência ímpar, ela desenvolvia com clareza e segurança as leituras, a quem devo todo o aprendizado do processo.

Continuei com a carta do ABC que ensinava a leitura do alfabeto e sua codificação, lembro que não gostava de rever o alfabeto, uma vez que já tinha decodificado. Queria “coisa” nova, porém, eram esses os recursos utilizados.

Ainda hoje se pratica esses métodos, porém, o professor tem que ter o compromisso de buscar uma educação voltada para cidadania, em que a aprendizagem esteja articulada com participação do indivíduo, levando em conta as peculiaridades de cada um no processo/ensino aprendizagem. Para GAGLIARY (1998), o método de ensino construtivista, considera que a melhor maneira de ensinar é desmontando e remontando, ou montando coisas novas a partir de pedaços. Contudo, desmontar e montar palavras da língua não é um uso natural nem na língua oral nem da língua escrita, apenas uma estratégia de ensino escolar.

Em 1979, estudei a 2ª série a professora utilizava os mesmos métodos da cartilha, a tabuada aritmética que ensinava a contar de 01 a 200 e a numeração romana. Nessa época para ensinar utilizava-se método de marcha sintética (da “parte para o “todo”): da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras) e da silabação (emissão de sons), part. Dever-se-ia, assim, iniciar o ensino da leitura com a apresentação das letras e seus nomes (método da soletração/alfabético) ou de seus sons (método fônico) ou das famílias silábicas (método da silabação), sempre de acordo com certa ordem crescente de dificuldade. Posteriormente reunidas às letras ou os sons em sílabas, ou conhecidas às famílias silábicas, ensinava-se a ler palavras formadas com essas letras e/ou sons e/ou sílabas e, por fim, ensinavam-se frases isoladas ou agrupadas. Quanto à escrita, esta se restringia a caligrafia e ortografia, e seu ensino acópia, de ditados e formação de frases, enfatizando-se o desenho correto das letras. Tal processo ocorria de forma decorativa e fragmentada. Vale salientar que, desta

época, tenho boas recordações, pois a professora organizava as datas comemorativas, vários eventos em que apresentei juntamente com os colegas de turma, teatro, poesias, coreografias, e desfiles os quais me deixam muito saudosa. Essa fase da minha infância foi marcada por acontecimentos que me trouxeram muita alegria e satisfação.

No início de 1980, continuei na mesma escola, com outra professora, cursando a 3ª série, nesse período sofri algumas discriminações, pois levava meu caderno em um saco plástico, pois não tinha dinheiro para comprar uma mochila da moda. Fazendo uma retrospectiva da época, vejo o quanto tinha desejado alcançar um ideal, pois apesar dessas humilhações, ganhei estímulo para prosseguir e conseguir meu objetivo que era ser aprovada a época, o máximo que um aluno almejava era ser aprovado, não tínhamos noção do que fazer com o conhecimento adquirido.

Voltando a falar da professora, ela era alegre, vivia feliz, acredito que ensinavam por prazer, seus métodos eram muito tradicionais, porém, eram os únicos métodos ao alcance dos professores da época haja vista, que não havia treinamentos de novos métodos, ou cursos de capacitação e muito menos uma educação continuada para eles. Aprimorar a leitura e a matemática era o máximo que eles podiam fazer por nós.

No ano de 1981, iniciei a 4ª série continuei na mesma escola, com outra professora a qual tenho grande admiração, pois apesar de não possuir nem uma formação pedagógica, explanava os conteúdos com clareza e segurança, tendo grande facilidade de expressão. Era bastante rígida, exigente, não permitia que o aluno colasse. Utilizava livro didático, quadro, giz como únicos recursos, não brincava com os alunos dando ênfase a cumprir os conteúdos exigidos, não utilizava nem um recurso que fizesse uso do lúdico.

O Livro didático, ou seja, as famosas cartilhas era o principal material escrito manuseado e lido de forma sistemática pelas crianças. No que diz respeito as cartilhas estas apresentavam textos, que na realidade eram amontoados de frases descontextualizadas. Contudo foi com esse suporte que, desenvolvi o gosto pela leitura que é uma conduta inteligente do cérebro, o centro da atividade humana e do processo de informação. Fui incentivada a fazer composição oral e escrita, sentia muita facilidade em assimilar o raciocínio lógico matemático, principalmente, quando se tratava das operações fundamentais: adição, subtração e divisão. No entanto, devo salientar que durante esse período fui influenciada pela prática educativa vigente na escola, que ainda era tradicional, não havendo recursos tecnológicos, como televisão, vídeo e cinema.

O processo de ensino/aprendizado, hoje é dinamizado com esses recursos que em alguns lugares já estão ultrapassados, no entanto, ainda não é uma prática das escolas.

Segundo ARANTES (2004), a escola que não se adequar as novas tecnologias de ponta, seus métodos estarão no passado, perpetuando a desigualdade social e intelectual haja vista, que a construção de conhecimentos está ligada ao advento tecnológico. Encontro respalda a essa fala também nos PCN-arte, quando enfatiza necessidade e tornando possível o uso desses avanços tecnológicos no processo ensino-aprendizagem, acompanhando as transformações estéticas e tecnológicas do novo milênio: fotografia, cinema, vídeo, computação (PCN-arte1998, p.63).

“Recordo-me a primeira vez que assisti a um filme, foi na minha cidade, através de “slides”, a imagem era projetada na parede, o filme era de “bang-bang” e quando o tiroteio começou, eu corri desesperada para casa, pensando que uma daquelas balas iria me atingir. Isso só vem constatar minha imaturidade e precariedade de contato com os tais recursos. A fotografia também era difícil, era sinônimo de poder aquisitivo elevado, era ainda preto e branco e representava um sonho para mim. Até que o fotógrafo passou pelas escolas da cidade e fez a famosa foto de “recordação escolar”, em que ficou para sempre registrada minha fisionomia e o que ela expressava naquele momento.

Nessa época, o processo metodológico consistia das seguintes atividades: exercícios de leituras repetitivas, como cópia de textos, ditados de palavras e parágrafos e conta aritmética das quatro operações fundamentais. O professor era o dono do saber e impunha os conteúdos de forma mecânica para que os alunos memorizassem. O relacionamento entre professor e aluno era marcada pelo autoritarismo e tinha como pressuposto impor os conteúdos de forma acabada, sem dar oportunidade para que os alunos explorassem seu conhecimento prévio. Segundo GADOTTI (1991 p.69):

O educador e o que sabe e os educando o que não sabem o educador e o sujeito do processo, enquanto os educandos são meros objetos, a educação torna-se um ato de depositar o saber é uma adoção, dos que julguem sábios aos que não sabem. A educação bancária tem por finalidade manter a divisão entre os oprimidos e os opressores. Ela nega a dialogicidade. (idem,ibidem).

A prática dessa educação, conhecida como “bancária”, pela qual passei, tem o professor como sujeito do processo, aquele que sabe que tem conhecimento e conduz os

alunos a memorização sem reflexos, e aquela que lhes deposita os conteúdos como se ele fosse um banco para depois “sacar” os mesmos através da avaliação. Ficando assim, evidenciados que a concepção de educação “bancária” mantém a ingenuidade do oprimido, no caso o educando que se acomoda no seu mundo de opressão.

Nessa concepção, o educador e o único sujeito do processo e o educando e o objeto. Foi significativa essa etapa da minha escolaridade, pois mesmo com seus entraves, consegui aprender e contribuir para minha formação moral, tornando-me a cidadã que sou. E quando lanço um olhar crítico sob meu passado recordo-me entre outras coisas, as datas comemorativas. Nessa época, as escolas envolviam seus alunos em recitação.

Como não tínhamos autonomia para nos expressar em sala de aula, esse era o único momento para tal, então, aproveitava para abusar nestas festividades. Um marco neste período foram os desfiles de 7 de setembro, que se realizavam na cidade em que nasci. Eram festas cívicas e toda comunidade participava, demonstrando seu patriotismo. Cantava-se o hino nacional e toda cidade se envolvia demonstrando seu patriotismo “livremente” seu amor pela pátria. Historicamente, o momento era propício, haja vista que estávamos vencendo a censura e centenas de exilados estavam retornando ao seu país. Nessa perspectiva, conclui a 1ª etapa do ensino fundamental e adquiri embasamento para dar prosseguimento.

4ENSINO FUNDAMENTAL (5ª A 8ª Serie): uma batalha varia conquistas

Ainda sob os fundamentos da Lei 5692/71 e seus objetivos, já citados, em 1982, ingressei na 5ª série, na época 1º grau maior, na Escola Municipal Pedro de Azevedo Maia, com 12 anos de idade. Esta fase da minha vida escolar foi muito difícil, uma vez que estava adaptada a estudar apenas com um professor, e ao me deparar com vários professores e também com uma quantidade maior de disciplina, tive um choque. Porém, o desejo de alcançar meu objetivo era maior e logo consegui me adaptar com o ensino.

Segundo o PCN-Introdução. 3º e 4º ciclos (1998, p.42):

A educação escolar deve constituir-se em uma ajuda intencional, sistemática, planejada e continuada para crianças, adolescentes e jovens, durante um período contínuo e extensivo de tempo, diferindo de processos educativos que ocorrem em outras instâncias, como na família, no trabalho, na mídia, no lazer e nos demais espaços de construção de conhecimentos e valores para o convívio social. (idem, ibidem).

Portanto, é papel da escola ajudar o aluno a adaptar-se nessa fase de transição da 4ª para 5ª séries, sabendo que o mesmo precisa habituar-se com as mudanças e aprender os conteúdos ao mesmo tempo, e essa mudança o deixa confuso e pode resultar no fracasso intelectual do educando.

Nesse período, fiquei surpresa ao me deparar com a disciplina de língua inglesa era uma disciplina totalmente desconhecida e fiquei desesperada ao saber que teria de aprender outra língua. A professora, ao se aproximar me deixou perplexa, porém, com desenvolver das aulas, a professora utilizou-se de habilidades para despertar-me um grau maior de interesse pela disciplina, explicava e expressava de forma compreensiva logo consegui entender, sendo hoje umas das minhas disciplinas favoritas e tenho interesse de futuramente aprofundar-me.

Vale salientar, que seu método era apenas o livro didático, quadro e giz, contudo soube desenvolver com clareza e segurança, seu objetivo maior, era o nosso aprendizado. Para o PCN (idem p.63): “A aprendizagem de Língua Estrangeira é uma possibilidade de aumentar a percepção do aluno como ser humano e como cidadão. Por isso, ela vai centrar-se no engajamento discursivo do aluno, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar os outros no discurso, de modo a poder agir no mundo social.”.

Partindo desse pressuposto, a aprendizagem da língua Estrangeira de centrar-se também na oralidade, na verbalização proporcionando ao discente falar com fluência e segurança, garantindo contato direto com contextos reais.

Em 1983 ingressei na 6ª série, neste período o que me causou desconforto foi a disciplina de matemática, devido a esse fator, fiquei em recuperação. Confesso que tinha uma grande dificuldade em assimilar os conteúdos. O professor, conhecido e considerado como detentor do conhecimento. Utilizava-se de métodos era quadro e giz. Desse professor confesso ter uma grande saudade, apesar das dificuldades que sentia em entender a sua disciplina, ele nunca me negou explicações.

A matemática também faz parte da vida das pessoas como criação humana, ao mostrar que ela tem sido desenvolvida para dar respostas as necessidades e preocupações de diferentes culturas, em diferentes momentos históricos, e aqui leva-se em conta a importância de se incorporar ao seu ensino os recursos das tecnologias da comunicação. (Idem ibidem).

Em virtude disso faltou fazer esse paralelo entre a matemática escolar e as inúmeras situações cotidianas nas quais a referida disciplina está inserida. Tendo em vista que a mesma faz parte da vida das pessoas, não podemos aprendê-la na sua essência apresentar-se dissociada de contextos reais os quais o aluno está envolvido.

No início de 1984, passei a cursar a 7ª série, estudei com vários professores vindos da capital (Natal), foi num período que adquiri um grande desenvolvimento intelectual, os professores cobravam muito de cada um de nós. Os métodos utilizados por esses professores já tinha diferença em relação aos professores anteriores, no entanto, ainda utilizavam os mesmos conteúdos e os mesmos exercícios de fixação e aplicavam as mesmas avaliações, sem nenhuma relação com os métodos construtivista eixo ação/reflexo/ação.

Assim sendo, vejo o que aprendi nessa fase deveria ter sido de muita importância, no entanto, devido à falta de contextualização e subjetividade, não nós éramos explorados o raciocínio, só a reprodução.

Já em 1985, época de conclusão de curso, houve uma mudança de professores e começaram introduzir professores sem nenhuma formação docente. As aulas eram feitas

aleatoriamente e a direção estava preocupada em arrecadar dinheiro para a festa de colação de grau, o ensino ficou a muito desejar na questão aprendizagem, havendo horários vagos e era justamente nessa fase que mais precisávamos de embasamento para poder enfrentar o 2º grau, conhecido hoje por ensino médio. Entretanto conseguimos concluir o ano letivo e os oito anos de ensino de 1º grau que assegurava a lei 5.692/71. A festa de colação de grau foi um marco para minha escolarização, pois certificava outra vitória.

SENSINO MEDIO: Em busca da maturidade

Ainda em consonância com a Lei nº 5.692/71, que regia o 2º grau na época e que valeu até dezembro de 1996, sendo substituída pela LDB 9394/96, que determina como nomenclatura de Ensino Médio e parte integrante do ensino básico obrigatório.

No ano de 1986, ingressei no 2º grau na cidade de São Paulo do Potengi - RN, pois em Barcelona, minha cidade, ainda não tinha sido implantada essa etapa do ensino. Contudo, a escola que fui estudar também não tinha o magistério, no entanto objetivava cursá-lo e parti para a escola particular. Para estudar tive que morar na casa do meu avô, pois não tinha transporte escolar e não podia pagar passagens todos os dias. Considerando a situação de instabilidade econômica pela qual passava o país, em que a moeda corrente, o cruzeiro foi substituído pelo cruzado e não conseguiu atingir o resultado esperado pelo governo, acarretando o lançamento de outros planos que também fracassaram e a desestruturação financeira de famílias consideradas de baixa renda nas quais, minha família, estava incluída. No início de 1987, fui transferida para o 2º grau na Escola Cenequista Tomas Barbosa de Moura, na cidade de São Tome - RN.

Destaco como desfavorável este período escolar, uma vez que havia significativa rivalidade entre a cidade de Barcelona e a cidade de São tome o que refletiu, logo no primeiro dia de aula. A minha turma me excluiu e foi muito difícil para mim, contudo, o desejo de prosseguir era maior, não desisti da caminhada. Porém um dia fiz uma atividade que foi muito elogiada pela diretora, como o melhor. E isso me fez muito bem, de certa forma, massageou o meu ego, Portanto, não foi fácil o convívio com esse grupo. Para complicar minha situação, fui morar na casa de uma prima, logo ela precisou ir embora para Minas Gerais. Neste ano quase desisti, pois não tinha condições de pagar transportes, porém meus pais fizeram um grande esforço para que eu continuasse estudando. Outrossim, devo a minha família, que me ajudou a prosseguir na caminhada. Foi sem dúvida um ano de muitos obstáculos, inclusive financeiros, no entanto, o mau convívio com meus colegas, foi mais marcante.

A falta de disponibilidade, ou de condições para considerar a diversidade dos alunos acarreta o chamado fracasso escolar, com efeitos no plano moral, afetivo e social que geralmente acompanham esses indivíduos

durante toda sua vida. Podendo redundar em exclusão social. (PCN-5º-8º, p.42).

Nesse contexto, observo que a escola não fez seu papel na hora de acolher, ausentou-se enquanto instituição responsável pelo processo de crescimento pessoal que desembocaria no melhor aproveitamento da aprendizagem. Contudo, posso reafirmar a importância de receber e integrar o aluno na dinâmica da escola para que futuramente os processos excludentes não modifiquem ou danifiquem sua formação moral e científica.

No início de 1998, continua a dificuldade, no entanto meus avôs nos ajudaram a amenizar a situação. Porém o líder político do município me convidou para prestar serviço ao Estado como professora na Escola Estadual Tertuliano Pinheiro Filho, ficou um pouco indecisa, depois de refletir muito aceitei a proposta, pois era uma oportunidade de contribuir com as despesas da casa. Contudo a alegria durou pouca fui acometida de uma alergia e sempre saía às pressas para o hospital e a diretora não compreendendo a situação começou a perseguir-me.

Nesse período, começou a fase do estágio e foi uma correria, estudava e trabalhava e estagiava. Com tantas atividades entrei em depressão, e já não desisti já no último bimestre por causa de meu amigo Manoel Nascimento, solidário com a situação e vendo o meu grande desejo de participar da colação de grau, não mediu esforços para ajudar-me contribuindo nas despesas. Foram muitos os obstáculos para que eu desistisse da batalha, porém, continuei sabendo que a vitória um dia viria. A Integração da família e da comunidade na escola é fundamental para que as informações adquiridas em sala de aula, ganhem força e sentido. Procurei nesse período, relacionar a minha vida pessoal, o momento pelo qual passava e a escola. No entanto fui decepcionada, pois não encontrei espaço. Talvez não soube procurá-lo ou se o mesmo não existia, o fato é que esta parceria não ganhou aliados e não contribui para o fortalecimento das minhas experiências escolares.

De acordo com os PCN (idem, p.43) “a integração entre equipe escolar, alunos pais e outros agentes educativos possibilitam a contribuição de projetos que visam a melhor e mais completa formação do aluno”. Ou seja, as participações de outras instituições, que também fazem parte da educação do discente, oportunizam um aprendizado mais eficiente para a formação do mesmo, se participam juntos com a escola da sua formação e não ficam se isentando das responsabilidades.

Para conclusão do curso, fizemos o estágio supervisionado e tudo era feito aleatoriamente, não nos eram atribuída nem uma teoria para embasar o trabalho com crianças em sala de aula, em virtude dos professores não serem capacitados pedagogicamente e a escola funcionar com precariedade. Tudo isso refletia na formação, pelo fato de que estávamos sendo preparados para exercer a função de docentes. O estágio curricular supervisionado é o momento de aproximação com a realidade escolar, onde o aluno, futuro professor, vai poder praticar as teorias aprendidas ao longo do curso, buscando sempre uma relação entre teoria e a prática. Esse momento, então é o de conhecer o ambiente em que irá atuar.

De acordo com PIMENTA (2006 p.70) não se deve [...] colocar o estágio como o pólo prático, mas como uma aproximação a prática, na medida em que será conseqüente a teoria estudada durante o curso, que por sua vez, deverá se constituir numa reflexão sobre e a partir da realidade da escola pública.

Segundo a autora, servirá para que o aluno se localize e reconheça o espaço escolar como seu futuro campo de atuação e para que comece a formar sua identidade docente. Sendo assim muito do que aprendi que contribuiu até hoje para o exercício do magistério, adquiri na prática avaliando e reavaliando o meu cotidiano escolar.

Contudo, finalizamos o curso com expectativas positivas, organizamos a festa de colação de grau e concretizamos um sonho que não era só nosso.

6 FORMAÇÃO PROFISSIONALIZANTE: atribuindo novos rumos ao ensino aprendizagem

“A Profissionalização é um processo através do qual os trabalhadores melhoram seu estatuto, elevam seus rendimentos e aumentam o seu o poder de autonomia”. (Antônio Novoa, 1992).

Minha primeira experiência profissional foi na Escola Estadual professor Tertuliano Pinheiro Filho numa turma de 1ª série no ano de 1988 foi uma experiência curta pois era um contrato de apenas um ano. Tive muitas dificuldades no início, por não estar preparada para agir diante de tanta indisciplina, mas com o decorrer do tempo, fui adquirindo na prática do dia a dia estratégias para agir com a diversidade da turma. Não desenvolvi um trabalho melhor porque não tinha quem orientasse com os procedimentos e atividades necessárias àquela realidade.

No ano de 1989, fui contratada para lecionar na Escola Municipal Pedro de Azevedo Maia, com uma turma de 2ª série. Nesse período tinha concluído o magistério e adquirido o conhecimento para estar em sala de aula, entretanto, não me encontrava preparada pedagogicamente para desenvolver um ensino aprendizagem de qualidade. Contudo, esta experiência foi curta, também apenas de um ano, em virtude de ter-me casado e me dedicado unicamente ao lar. Apesar do pouco tempo com essa turma posso afirmar que foi bastante positiva essa vivência.

Dessa forma, fiquei onze anos fora de todo contexto escolar, seja como aluna ou como professora. Mesmo assim, o desejo de retomar minha profissão me fez submeter-me a alguns concursos públicos na minha área. Em 2000 fui aprovada em dois concursos. Um no município de Rui Barbosa e outro em Barcelona, ambos no estado do Rio Grande do Norte. Em Rui Barbosa, trabalhei na zona rural na modalidade de jovens e adultos (EJA) essa experiência foi muito difícil, pois morava na zona urbana e deslocava-me todos os dias numa estrada carroçável à noite e ia ensinar a 10 km na Escola Umbelino de Moura, apesar das dificuldades tenho boas lembranças dessa escola, pois a turma era bastante carente ajudei muito essa comunidade escolar, pois sempre ia à secretaria solicitar tanto material quanto merenda. Vale lembrar que também solicitei ao então gestor providências para implantação de energia e o mesmo conseguiu um projeto com energia solar pois a mesma ainda funcionava com lampião a gás. Quanto à turma era bastante carente, com grandes

dificuldades de aprendizagens. Acredito que muito contribui para o desenvolvimento social e cognitivo dos educandos.

Em 2003, por motivo de saúde consegui transferência para sede e fui lotada na Escola Rita Juventina Souza. Nessa escola lecionei de 6º ao 9º ano com jovens e adolescente onde fiz um trabalho de excelência e consegui minha ascensão profissional, Pois fui escolhida pelos alunos como melhor professora da Instituição. Desse modo lecionei com essa modalidade de ensino durante 10 (dez) anos.

Atualmente consegui uma permuta da Cidade de Rui Barbosa para Barcelona e estou trabalhando na Educação infantil. Porém almejo fazer outro concurso na cidade de Barcelona na área específica de Língua portuguesa. Pretendendo assim, ficar somente em Barcelona cidade onde resido.

7 FORMACAO ACADEMICA: O desafio do ensino superior

“A LDB 9.394/96 coloca como meta que, num prazo de dez anos, todos os professores de educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental tenham formação em nível superior”. (PCN’S- Introd. -5ª a 8ª série-p. 35).

Frente às novas exigências educacionais e em efetivo exercício de sala de aula, prestei o vestibular da Universidade Vale do Acaraú- UVA, em que fui aprovada. Em março de 2002, iniciei o curso de pedagogia na modalidade de Regime Especial oferecida pela referida universidade, especificamente para professores e ministrado de forma modular, com aulas regulares aos sábados.

Oriunda de onze anos fora da escola, como estudante e apenas freqüentando a escola como professora, esse retorno foi dificultado ainda mais em virtude da eclosão das novas tecnologias educacionais, influenciando o ensino e o aprendizado, exigindo do professor novos conhecimentos e o domínio de novas técnicas para dinamizar a sala de aula. Frente a esse quadro, deparei-me com os seminários, as aulas com utilização de equipamentos eletrônicos e as leituras com base em teóricos da área de pedagogia e ciências afins, causaram-me um desconforto em virtude de não estar habituada a essas novas metodologias. Fazer fichamentos de textos, resumos de livros, síntese, ementa e outras tantas técnicas de aprendizado e assimilação de conteúdo, agregaram-se ao meu cotidiano, passando a fazer parte do meu vocabulário. Bem como, as leituras externas e enfiadas, que não oportunizaram entendimento acessível diante do meu nível intelectual.

Logo na primeira disciplina, Metodologia do trabalho Científico, acreditei que não iria chegar ao final, haja vista, não entender nada do que estava sendo tratado. Os conteúdos não pertenciam ao meu convívio e apresentava-se muito distante do meu alcance. Entretanto, consegui superar, com muita precariedade, uma vez que o esperado daquele curso era apenas um certificado de conclusão do Ensino superior e algumas “receitas” prontas de como trabalhar com o aluno em sala de aula.

Acreditava que na faculdade o conhecimento já se encontrava organizado de tal forma que bastava integrá-lo para poder usufruir dele. No entanto, aconteceu o contrário, houve uma desacomodação da minha parte e passei a correr atrás do conhecimento, uma vez, que ali estavam apenas os apontamentos iniciais, as preliminares que só dependia do

aluno professor aprofundar-se ou não. Ao concluir este curso trouxe comigo a concepção de que o ensino superior é o início de uma longa que perdura por toda a vida do indivíduo. E onde entramos em contato com as teorias científicas e descobrimos que pesquisar é ir muito além de simplesmente coletar dados.

Desse modo, tenho a oportunidade de construir uma visão global do processo de produção e difusão científica, de intervir na realidade socioeconômica, cultural da comunidade e da região. Com isso, aprendi a conhecer, produzindo e reconstruindo o conhecimento. Tornei-me uma pessoa imbuída de espírito crítico reflexivo e sujeito da minha própria aprendizagem.

Em 2008, surgiu a oportunidade de fazer o curso de pós-graduação em psicopedagogia na faculdade IADERN, na cidade de Rui Barbosa. Fui convidada pela coordenadora do curso aceitei o convite vendo uma necessidade de me atualizar. O referido curso teve duração de um ano e me proporcionou grandes aprendizagens. Considero válida a iniciativa das instituições que propiciam a oferta de vagas para curso de especialização, uma vez que visibilizaram a situação do professor e consideram sua necessidade de constante atualização, com vista a proporcionar condições favoráveis a todos, poder cursar e concluir uma especialização, tirando muitos educadores de situações, de comodismo, alertando, chamando atenção, fornecendo teorias e informações capazes de serem transformadas em conhecimento e modificar a prática pedagógica daqueles que já não viam na educação uma possibilidade de transformação social.

O curso em referência me possibilitou compreender qual o principal enfoque da psicopedagogia, pois a mesma é uma disciplina que procura revelar problemas, a fim de buscar atender ou superar as dificuldades enfrentadas pela aprendizagem com caráter de prevenir e curar. Ressalto, também, que o principal estudo da psicopedagoga é a aprendizagem humana, visando aos seus padrões por meios evolutivos, normais e patológicos.

De acordo com Bossa (1994), o objeto de estudo da psicopedagogia é o próprio processo de aprendizagem e seu desenvolvimento normal e patológico em contexto.

Sejam estes relacionados com a realidade interna ou com a realidade externa, sem deixar de lado os aspectos cognitivos, afetivos e sociais que mesmo de forma implícita, estão inseridos em tal processo do trabalho com as questões de aprendizagem. Segundo Fernández (1992)

A psicopedagogia se ocupa de um sujeito que aprende. Ponto central de sua abordagem não se dirige somente a inteligência, mas articulação entre o organismo, o corpo, a inteligência e o desejo numa relação com o outro, que constitui o terreno onde o ensino aprendizagem acontece. Sendo assim, o psicopedagogo terá uma árdua tarefa, pois cabe a ele avaliar o aluno e identificar os problemas de aprendizagem, buscando conhecê-lo em seus potenciais construtivos em suas dificuldades com o intuito de favorecer o desenvolvimento da potencialização humana no processo de aquisição do saber.

Portanto o trabalho do psicopedagogo pode ser preventivo e clínico. O mesmo atua nos processos educativos com o objetivo de diminuir a frequência dos problemas de aprendizagem.

Em virtude da exigência da educação continuada em outubro de 2011 ingressei no curso de Licenciatura plena em letras no IFESP –Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, uma vez que me encontrava lecionando língua portuguesa sem ser especializada na área e tomando conhecimento que o MEC estava disponibilizando aos professores de escola pública a oportunidade de se especializar gratuitamente através do PARFOR- plano nacional de formação de professores da educação básica que é um conjunto de ações do ministério da Educação com as secretarias de educação estados e municípios para ministrar cursos a professores em exercício sem formação adequada à lei de diretrizes e bases de Educação Nacional-LDB, de dezembro de 1996.

Desse modo, me escrevi, fui selecionada e iniciei o curso. O referido curso objetiva a ampliação, o fortalecimento e aprimoramento de suas competências intelectuais e profissionais, numa perspectiva humanística de modo que seja capaz de assumir, enquanto cidadão e educador, uma participação consciente, ativa e construtiva nos processos educativos e sociais.

Cada uma das disciplinas cursada no referido curso tiveram relevância em determinados aspectos que constitui minha formação intelectual e profissional, durante este período, dentre elas elejo a disciplina Tecnologia da informação e Comunicação (TIC's), uma vez que as reflexões me sensibilizaram para as várias questões inerentes ao desenvolvimento do indivíduo.

A referida disciplina compreendeu uma carga horária de 40h e foi ministrada pelo professor Edilson Pereira, que propôs em sua ementa o uso a aplicação das tecnologias da informação e comunicação no currículo Escolar, tecnologias educacionais como instrumento para o fazer pedagógico em educação.

Dessa feita, objetivou proporcionar espaços para discussão reflexiva sobre as tecnologias de informação e comunicação, visando ao aluno compreender a importância do seu uso na educação escolar. Com isso, dividiu os conteúdos programáticos em três unidades: As tecnologias da informação comunicação e a utilização dos aplicativos para formação dos professores, interação dos alunos em sala de aula e no laboratório de informática.

Para consolidar os objetivos, o professor utilizou uma metodologia baseada no diálogo e nas atividades desenvolvidas pelos alunos, através dos processos básicos de leitura e o uso do laboratório de informática.

Como avaliação, analisou o desempenho em relação aos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, trabalhos em grupos e individuais, bem como a participação no laboratório de informática.

As contribuições teóricas e práticas concedidas pela disciplina desencadearam uma gama de novas idéias significativas e reflexivas, acerca do papel do professor frente às novas tecnologias, haja vista que, oportunizaram mudanças conceitos e de atitudes, e resultaram em ensino e aprendizagem de qualidade.

Diante da disseminação do uso das tecnologias, em distintos ramos de atividades, coloca-nos diante de vertiginosas mudanças na cultura, na sociedade e na educação; e em especial, perante os avanços da ciência e de conhecimentos requer um novo perfil de profissionais que coloca para a escola novos desafios.

Á luz desses fatos, NOVOA (2001) afirma que:

É difícil dizer se ser professor, na atualidade, é mais complexa do que no passado, porque a profissão docente sempre foi de grande complexidade. Hoje os professores têm que lidar não só com alguns saberes, como era no passado, mas também com a tecnologia e com a complexidade social, o que não existia no passado [...].

Sendo assim, o professor tem sobre si o desafio da mediação do conhecimento num universo complexo de experiência e de visões antagônicas, tendo que aprender e refletir a própria prática, para que consiga lidar com a diversidade e complexidade atual.

Portanto, uma das metas essenciais da educação, para atender as exigências dessa nova sociedade da aprendizagem, seria a fomentar nos alunos capacidades de gestão metacognitiva, já que, para além da aquisição de conhecimentos concretos possam

enfrentar as tarefas e os desafios que os guardam na sociedade do conhecimento e possam ser cidadãos aprendizes mais flexíveis eficazes e autônomos, dotados de estratégias de aprendizagem adequadas e capazes de enfrentar novas e imprevisíveis demandas de aprendizagem.

Refiro-me também, a uma das contribuições da disciplina da Teoria da literatura I ministrada pela prof^a. Mona Lisa, com uma carga horária de 50h, que propôs em sua ementa o que é literatura; a questão do cânone e os estudos culturais; literatura e sociedade, gêneros literários clássicos; aspectos; aspectos do narrador épico e do herói trágico; e a teoria literária na formação de professores. Tendo como objetivo discutir o conceito de literatura, e desenvolver a capacidade de leitura e compreensão de textos que permaneceram e influenciaram as bases da literatura ocidental.

No que tange à metodologia de ensino, utilizou-se de aulas expositivas, recursos audiovisuais, resenhas. Textos teóricos, literários e textos complementares. Como critério avaliativo, fomos avaliados, através de trabalhos de pesquisas individuais e em grupo, por avaliações escritas e também pela participação na sala de aula.

Quanto aos conteúdos, dividiu-os em duas unidades: A narrativa oral fabula, romance, poesia, conto e suas transformações na dinâmica social; e a segunda unidade, os gêneros literários: épico, lírico e dramático.

Dentre os conteúdos destaco os gêneros literários, em que foi abordado o texto “porque ler os clássicos?” do autor Ítalo Calvino, pois, me fez refletir sobre o processo de formação de leitores depende de uma escola que de acesso ao mundo da leitura e a tudo que ela possa proporcionar.

Para Ítalo Calvino (1993), “são muitos os motivos para ler os clássicos, uma vez que, sempre descobrimos algo novo, ou seja, sempre há uma gama de novos conhecimentos, uma visão nova, algo inédito e inesperado”.

Sendo assim, o professor deve ter um conhecimento literário amplo, dedicar-se um espaço para vivencia da literatura, visando oportunizar aos alunos o acesso ao mundo da leitura, pois a leitura além de enriquecer o vocabulário e o modo de falar e de se expressar, os torna críticos, humanos e sociáveis.

Portanto é fundamental que a escola aborde a função social da literatura como uma possibilidade de “ler o mundo”, contribuindo assim, para formação de leitores críticos, capazes de articular a leitura de mundo à leitura produzida em sala de aula.

Já em se tratando da disciplina semiótica, esta foi também de fundamental contribuição para minha prática pedagógica, visto que o dinamismo do professor Samuel Anderson na exposição dos conteúdos me fez eleger como uma das mais significativas no meu processo de aprendizagem. A disciplina me fez refletir e perceber a necessidade de uma formação mais ampla do profissional de Letras, hoje profissional de linguagens, no sentido de apetrechar-lhes com subsídios paralinguísticos que promovam a eficiência comunicativa.

Além disso, é oportuno frisar que em seu plano de ensino o professor abordou conteúdos como: Elementos da semiótica- língua e fala significante e significado ícone, funções da linguagem, semiótica do texto verbal e não verbal poesia narrativa, textos verbais e não verbais, jornalísticos, publicitários, televisão e cinema; objetivando, assim, conceituar e definir os elementos da semiótica, refletir sobre as funções da linguagem, reconhecer a semiótica do texto verbal não verbal, classificar os signos na visão peirciana, identificar as funções da linguagem, refletir sobre a importância da ciência semiótica no ensino no ensino de língua portuguesa, pretendendo, ainda dinamizar o processo de ensino aprendizagem.

Para BAKHTIN, (1995, P, 44).

Para compreender a comunicação e sua relação com o signo ideológico, o signo sempre precisa ser pensado na sua materialidade, não separando a ideologia desta realidade material, integrando-o as formas concretas de comunicação social organizada e também não dissociando a comunicação e suas formas da base material da sociedade.

Quanto aos conteúdos dividiu-os em seis unidades: termo origens e precursores da semiótica história da semiótica- período grego romano Antigo, a semiótica no século XIX, semiótica universal de Pierce- signo, semiose e semântica a classificação peirciana dos signos, funções da linguagem e semiótica e o ensino da língua portuguesa.

A metodologia de trabalho foi centrada no diálogo e na atividade do professor aluno, visto como construtor do seu conhecimento através dos processos de leitura recursos audiovisual, escrito e expressão oral do conhecimento, sob a orientação e a ação mediadora do professor.

Para avaliar, adotou os critérios gerais de avaliação da instituição, enfatizou a necessidade da participação efetiva nas atividades, empenho, busca da qualidade nos

trabalhos acadêmicos, tanto no que se refere aos conteúdos conceituais quanto aos aspectos procedimentais e atitudinais.

O professor abordou, também, o texto “Semiótica aplicada à renovação do ensino do português: Um olhar semiótico sobre a escola do terceiro milênio”, que se tratava de um resumo do artigo, cuja autora, Dárcila Simões, visa incitar uma reflexão sobre os subsídios semióticos na formação geral do homem no terceiro milênio. Propagada a inclusão prolegomenos dos signos, com vista a alargar a capacidade de interpretação na formação dos leitores, focalizando, assim a questão do signo híbrido e da hegemonia do código verbal e a possibilidade de cruzarem-se os dados da lingüística, da semiótica e da gramática da língua na construção de uma visão eminentemente estilística da produção textual em português.

O estudo desse conteúdo foi de suma importância, uma vez que, propõe a inclusão da ciência dos signos e das significações, dentre os conteúdos de formação básica, dando uma dimensão multissigna, por intermédio da semiótica de Pierce.

Sabe-se, que a tradução intersemiótica é recurso praticado pelo homem desde que o processo de comunicação lhe foi imposto e, hoje diante do advento da internet, põem o homem em contato com diferentes textos.

Portanto o professor tem de estar preparado para aceitar o desafio de uma prática em que assumindo uma postura dialógica, possam contribuir para que, os alunos se tornem leitores e, efetivamente, cheguem à almejada competência textual e ao uso criativo e crítico das práticas sociais da leitura e da escrita.

Destaco, também, a disciplina Leitura e produção de textos, que se trata de uma disciplina com carga horária de 40h/aulas, ministrada pela professora Gilmara Freire que centraliza sua ementa na leitura e escrita mediante um trabalho integrado de análise e produção de textos orais e escritos.

A mesma objetivava aperfeiçoar as habilidades de leitura e escrita do aluno/professor, mediante um trabalho integrado de análise de textos orais e escritos, compreender o texto como unidade lingüística identificar, os princípios básicos do texto, analisar os diversos gêneros e tipos textuais, reconhecer as macroestruturas das seqüências textuais e os traços configuradores dos diversos gêneros, produzir textos coesos e coerentes, considerando a intenção comunicativa os interlocutores, a situação e as características específicas do gênero.

Para tanto, os conteúdos trabalhados em sala de aula foram: leitura, textos e sentido, escrita e interação, texto e textualidade, coerência textuais e gêneros textuais/discursivos.

A professora utilizou uma metodologia de trabalho centrada em diferentes estratégias para desencadear o ensino e a aprendizagem, que compreendeu aulas expositivas, que apesar de tradicionais, ainda são essenciais para explanação de determinados assuntos; debates, os quais propiciam discussões á cerca do tema; trabalhos em grupo que favorecem a integração, contribuindo com um trabalho coletivo e solidário; os estudos de textos que dão suporte teórico para a sustentação das discussões que envolvam o tema, bem como, permitem ao aluno/professor fazer relação do que está sendo estudado com o seu cotidiano; seminário que propiciam ao aluno expressar seus conhecimentos de forma reflexiva; utilizou também. Retroprojeter, e vídeos que dinamizaram as aulas e o ensino e a aprendizagem. Sabe-se, que hoje o processo de ensino-aprendizagem, é dinamizado com esses recursos, no entanto ainda não e prática de algumas escolas.

Segundo ARANTES (2004) “a escola que não se adequar as novas tecnologias de ponta, seus métodos estão no passado, perpetuando a desigualdade social e intelectual haja vista, que a construção do conhecimento está totalmente ligada ao advento tecnológico”.

No que se refere aos métodos de avaliação, a professora realizou atividades de leitura e escrita (individual e grupal), bem como, propôs a elaboração de um projeto de leitura, em que foi observado o desempenho em relação aos conteúdos conceituais procedimentais e atitudinais.

Por fim, as contribuições da referida disciplina foram inúmeras. Compreendi que educar além de transmitir conteúdos e aprender não é apenas memorizar. Na missão de educar devemos adotar procedimentos que vão além de aulas expositivas e verificações das informações memorizadas, pois o papel do professor é o de mediador, questionando e provocando os alunos para que absorvam, analisem, reflitam e tornem-se alunos autônomos o suficientes, e competentes para se integrarem na sociedade e desenvolverem seu papel de cidadão crítico e reflexivo.

No que tange a disciplina prática pedagógica I, foi ministrada pela professora Tânia Aires, que propôs em seu plano de ensino nos possibilitar a reflexão sobre a formação do professor, oferecendo-nos subsídios para elaboração do portfólio. Trabalho autônomo que consiste na produção, seleção e sistematização dos registros e dos estudos acadêmicos, relatórios das atividades e práticas desenvolvidas durante o curso.

Em sua ementa, destacou assuntos como: reflexão sobre alguns documentos referentes à organização institucional, descrição sobre a prática e a formação docente, registro e construção do conhecimento e o portfólio como instrumento de avaliação do processo ensino aprendizagem.

Objetivando, assim, reconhecer a importância da reflexão sobre a prática na formação docente; socialização de partes específicas do Instituto Kennedy e a proposta pedagógica do curso de 2ª licenciatura em letras do Instituto Kennedy, como também ler e refletir, registrar a compreensão e apreciação do aluno sobre a estrutura curricular do curso de 2ª licenciatura em letras, tomando como referências a proposta pedagógica do curso e oferecendo subsídios para elaboração do portfólio da prática pedagógica I.

Com isso, dividiu os conteúdos programáticos em quatro unidades; a primeira unidade: estudo dos documentos; estatuto do Instituto Kennedy e a proposta pedagógica do curso de 2ª licenciatura plena em letras do Instituto Kennedy, a importância da reflexão sobre a prática e o registro na formação do professor, a estrutura curricular do curso de 2ª licenciatura em letras; e a quarta e última unidade: o portfólio como instrumento de avaliação do processo de ensino e aprendizagem.

Para consolidar os objetivos, a mesma utilizou uma metodologia baseada em aulas expositivas e práticas, leituras, estudos e discussões dos termos específicos da disciplina, estudo dirigido, resumo de texto que dinamizaram o ensino-aprendizagem.

Como avaliação verificou a participação dos alunos nas discussões e a realização de atividades de leitura e escrita (individual e em grupo), observando o desempenho em relação aos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais.

Cabe, ainda, dizer que a disciplina poderia ter contribuído mais significativamente, se tivesse sido a 1ª do semestre, haja vista que se trata de uma disciplina que aproxima os alunos das experiências concretas que norteiam as práticas reflexivas e as aprendizagens, bem como a elaboração do portfólio, que é um trabalho de autocrítica e de reflexões sobre o processo de formação da aprendizagem; é um instrumento de autoavaliação que passará por crivo e deveria ser mais explorado.

Como afirma Hernandes (2000, p.166):

Um continente de diferentes tipos de documentos (anotações pessoais, experiências de aula, trabalhos pontuais controle de aprendizagens, conexões com outros temas fora da escola, representações visuais) que proporciona evidência do conhecimento que foram

sendo construídas as estratégias para aprender e a disposição de quem o elabora para continuar aprendendo.

Concordo com o pensamento do autor, pois esse tipo de avaliação permite ao aluno comparar o que sabia de início e o que foi construído ao longo do processo escolar e fazer uma reflexão sobre o que conseguiu aprender.

Contudo, depois das aulas orientadas pela professora que me possibilitou um leque de informações, procurei fazer uma reflexão sobre os conhecimentos adquiridos através das disciplinas, como também as fundamentações de alguns teóricos para elaboração deste trabalho.

A disciplina Teoria da Literatura II, que compreendeu uma carga horária de 50h e foi ministrada pela professora Mona Lisa Teixeira que centralizava trabalhar em sua ementa os gêneros literários, rupturas modernas e pós-modernas, elementos teóricos da poesia do romance e do conto, literatura de tradição oral, aspectos da literatura infanto-juvenil, procedimentos de análise e interpretação da poesia e da narrativa.

Para tanto, objetivava discutir o conceito da teoria literária e suas modificações, diante da história e das inovações, estéticas da própria literatura. A mesma dividiu os conteúdos em quatro unidades que ficaram assim divididos: a primeira unidade enfatizou textos teóricos sobre literatura universal e brasileira; a segunda unidade enfocou Contos e romances consagrados pelo Cânone; a terceira unidade trata da literatura oral e histórias populares; e a quarta e última unidade aborda lendas indígenas e africanas.

Com o intuito de consolidar seus objetivos a mesma utilizou uma metodologia baseada em aulas expositivas, recursos audiovisuais, textos teóricos e literários releituras de textos, bem como textos complementares.

Já para verificação da aprendizagem, utilizou aulas dialogadas que privilegiam a discussão pelos alunos do tema em questão com a participação da professora com estudos dirigidos de textos que oportunizaram explorar as teorias de diversos autores confrontando opiniões e pontos de vista e construindo conceitos próprios a cerca do assunto. Discussão em grupo que fez a uniformização dos saberes, com vistas a discutir sobre deveras realidades, pesquisas didáticas, que acarretam além da coleta e análise dos dados referentes ao assunto em estudo, um confronto de opiniões e pontos de vista, tanto a cerca do material pesquisado quanto dos conhecimentos adquiridos; seminários que é uma forma de expressar os conhecimentos adquiridos através das explicações e reflexões críticas, desencadeando a interação da turma, através de discussões; e utilizando-se das novas

tecnologias, fez exposição de filme que trouxe outra realidade para o nosso meio, abordando o tema que estávamos discutindo, e relatos e debates que enriqueceram as aulas teóricas.

Outro ponto que merece e relevância é a avaliação que considerou o desempenho dos alunos nos trabalhos de pesquisa, a apresentação de seminários, a participação nas aulas, bem como o estudo da bibliografia.

Durante o período que estava cursando essa disciplina, adquiri muitos conhecimentos a cerca dos temas trabalhados, familiarizei-me com uma diversificada quantidade de teorias e autores que abordam esse assunto e seus pontos de vista, que permitiram confronto de opiniões e a visão do que é a teoria da literatura. Enfim, foram úteis as contribuições dessa disciplina para minha vida profissional.

Já adisciplina Lingüística II foi ministrada pela prof^ª. Fabíola Barreto Gonçalves. Compreendeu uma carga horária de 40h, que abordou em sua ementa a concepção de linguagem, norma e variação, modalidade da língua falada e escrita, lingüística e ensino da língua materna. A mesma encadeou discussões que abrangeram a educação lingüística, ensino da língua, gramática e política. A mesma objetivava proporcionar momentos de discussão, reflexão, observação e análise de nossas práticas (atuais ou futuras sem sala de aula). A proposta é olhar reflexivamente a língua que se manifesta por meio de atividades lingüísticas, a ponto de nos levar a um posicionamento em relação a nossa concepção de linguagem e o nosso fazer pedagógico.

Para tanto, dividiu os conteúdos em três unidades: unidade I denominada de concepção de língua e ensino de língua materna, procurando direcionar para uma reflexão-ação na prática de ensino de língua materna; e Unidade II, tratada como Norma Culta e Variação Lingüística uma Relação Possível? Sugere como dever ser o trabalho docente frente à dicotomia norma culta padrão manifestado nos livros didáticos e \novos gramáticos normativos e variação lingüística que os alunos e o professor trazem para escola, tratando do preconceito lingüístico e da valorização da oralidade. A III e última unidade, nomeada ensino de Língua materna, por uma educação lingüística, reflete sobre o trabalho com a escrita, a fim de sustentar a nossa prática de avaliação.

As discussões e atividades promovidas nesta disciplina ofereceram visões da vivencia lingüística e da norma lingüística que provocam inquietação na prática de ensino da língua.

Nessa perspectiva a professora montou sua metodologia a partir de análise e discussões de textos impressos, filmes, vídeos, leituras dirigidas, debates e como não poderiam faltar, os seminários que propiciam a expressividade, ou seja, é nesse tipo de atividade que o aluno expressa seus conhecimentos de forma crítica e reflexiva.

Assim, acredito que as contribuições deixadas por esta disciplina serão úteis para que eu possa desenvolver em sala de aula um trabalho mais dinâmico, visando assim adquirir teoria suficiente para encaminhar meu exercício em sala de aula, formando cidadãos críticos e reflexivos, capazes de ler e escrever; e posteriormente compreender suas ações.

A disciplina Semântica, ministrada pela professora Tânia Maria Alves da Costa, teve uma carga horária de 30hs, a ementa teve estudo, o objeto de semântica onde foi possível ter acesso as relações semânticas entre palavras e sentenças; sinonímia; antonímia; contradição hiperonímia; homonímia; polissemia; ambigüidade; deixes e anáforas e referência sentido.

Objetivando compreender a partir do estudo da significação, a semântica como a área que trata do significado e do sentido e a relevância destes estudos para os estudos da língua, reconhecer a significação como conceito relevante para o estudo da semântica; conhecer as linhas teóricas que compreende o estudo da semântica; perceber que a interpretação de qualquer mensagem depende de sua inserção no contexto; reconhecer as relações semânticas entre palavras e sentenças e reconhecer alguns mecanismos linguísticos que permitem realizar atos de referência.

Os conteúdos estudados foram: o objeto da semântica; teoria semântica; diferença entre semântica e pragmática; a semântica e o ensino de língua portuguesa; as relações semânticas entre palavras e sentenças; sinônima; antônima; contradição; hiperonímia; hiponímia; homonímia; polissemia; ambigüidade; deixes e anáfora, referência e sentido.

Utilizando a seguinte metodologia: aulas expositivas; interativas; leitura e discussão de textos e exercícios.

Quanto à avaliação se processou mediante a realização de leitura escrita (individual e em grupo), observando o desempenho em relação aos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, adotando os critérios gerais de avaliação da instituição. Esta disciplina é de grande relevância uma vez que, promove discussões e reflexões produtivas sobre a linguagem na perspectiva da semântica.

Assim constitui-se um grande desafio adentrar nesse estudo, pois segundo Oliveira (2001, p. 17), “definir o objeto de estudo da semântica não é uma tarefa fácil, tendo em vista que não há consenso entre os semanticistas o que se entende por significado”. Sendo assim, esse desafio, porém é necessário e relevante para os estudos e o ensino e aprendizagem da língua portuguesa e para a formação dos educadores que trabalham com a linguagem.

A disciplina de língua portuguesa II, ministrada pela professora Mona Lisa Bezerra, com carga horária de 50hs, apresenta em sua ementa continuidade e rupturas: barroco e barroquismo; a transgressão romântica; realismo/neo-realismo; canibalismo moderno; poesia concreta e marginal; poesias ao rés do chão; a reinvenção da linguagem; oralidade; erotismo; rupturas na tradição do barroco e barroquismo; a transgressão romântica de Manoel Antônio Almeida de Sousa Andrade; o realismo de Machado de Assis, Eça de Queiroz e Rubens Fonseca; a modernidade de Fernando Pessoa, Oswald de Andrade, Haroldo de Campos e Jorge Fernandes; a marginalidade de Paulo Leminski e Ana Cristina Cesar; a estética das coisas simples de Manoel Bandeira e Manoel de Barros; a reivindicação da linguagem em Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Mia Couto.

Tendo como objetivo discutir o conceito de literaturas de língua portuguesa e desenvolver a capacidade de leitura e compreensão de textos que representam as semelhanças e as particularidades estéticas de cada obra em questão.

Os conteúdos estudados foram: textos teóricos sobre literatura brasileira e portuguesa; contos, poemas e crônicas de autores consagrados.

Sua metodologia; aulas expositivas, recursos audiovisuais, textos teóricos e literários e textos complementares. Adotou o seguinte processo avaliativo; através de trabalho de pesquisas, seminários, avaliações escritas, e também pela participação na sala de aula.

Dos demais conteúdos estudados destaco a obra literária de Fernando Pessoa e Oswald de Andrade o poeta que viveu no primeiro momento da crise que, em nosso século iria dividir as águas entre o tradicional e a modernidade, Fernando Pessoa muito cedo revela uma aguda consciência de que o novo processo de criação já havia começado, mas estava ainda limitado aos próprios criadores, não tendo ainda eclodido para todos.

A riqueza de sua obra poética coloca-o indiscutivelmente como um dos maiores nomes da história da literatura portuguesa. Homem culto, de incrível curiosidade intelectual, Fernando Pessoa desdobrou-se em vários heterônimos dos quais os mais

significativos são Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro, criou para cada um desses heterônomos um estilo, uma visão de mundo particular e até uma biografia.

Fernando Pessoa foi um ser em poesia. Foi alguém que, no plano criador, viveu dialeticamente todas ou quase todas as possibilidades de ser e de estar no mundo, que os tempos e as diferenças culturais têm oferecido como opção aos homens.

E quando digo “viveu”, me refiro quase exclusivamente ao plano de criação ou da produção intelectual. Como todo homem de gênio ou de mente superior, criou muito mais que viveu.

A respeito de Fernando Pessoa, podemos dizer que mais do que “viver” para criar, ele criou para viver, tal foi o grau de entrega de seu ser a tarefa poética.

Já o poeta Oswald de Andrade, com seu espírito irrequieto e polêmico, foi uma das figuras mais dinâmicas do movimento modernista, sua poesia é um exemplo rigoroso de renovação na linguagem literária. Fugindo totalmente dos modelos da época ele criou uma obra poética original, plena de humor e ironia, numa linguagem coloquial que surpreende pelos achados e pela maestria com que soube utilizaras potencialidades da língua portuguesa.

Repudiando o purismo e o artificialismo, incorporou a poesia a linguagem cotidiana, os neologismos. Revoltou-se contra a poesia que se limitava a copiar certas fórmulas e padrões consagrados pelos tradicionalistas que ele satirizou.

A irreverência dos modernistas é bem representada por Oswald de Andrade. Além de poemas satíricos e humorísticos de textos famosos de nossa literatura.

Portanto, as contribuições desta disciplina foram de grande relevância, pois como nos possibilita expressar nossos sentimentos e entendimentos a respeito do mundo, por meio da construção de objetos autônomos.

A disciplina Filologia foi ministrada pela professora formadora Fabíola Barreto Gonçalves. Tal disciplina possui uma carga horária de 40 h aula. Contemplou em sua ementa o objeto de estudo da Filologia: conceito e evolução; A filologia e sua História; variedade de latim, características do latim vulgar; Línguas românicas, objetivando possibilitar uma visão geral do trabalho desenvolvido pela filologia discutindo aspectos que caracterizam a mudança lingüística e sua percepção, definir o campo da filologia, identificar as línguas românicas; apresentar os principais métodos de estudos filológicos.

A mesma dividiu os conteúdos em 06 blocos de estudo; o primeiro bloco origem da filologia, o segundo bloco métodos da FILOLOGIA, terceiro bloco o latim vulgar e o latim

literário no primeiro milênio, o quarto bloco a mudança lingüística; quinto bloco a percepção da mudança e sexto e último bloco variação fonológica: metaplasmo.

Quanto à metodologia baseou-se na análise e discussões de textos, debates e seminários. Para avaliação da aprendizagem realizou atividades de leitura e escrita (individual e grupal), observando o desempenho em relação aos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais.

A filologia é a área do conhecimento que através dos textos escritos estuda a língua e cultura de um povo.

A necessidade de definir a autenticidade dos textos surgiu quando um povo adquiriu uma alta cultura desenvolve a consciência deste estado e presenciar da ação do tempo às obras que fazem parte do seu patrimônio cultural.

Como já foi dito os documentos escritos constituem o campo de estudo da filologia para que através deles, se conheça o pensamento um povo, assim como a sua produção literária.

De acordo com Silveira Bueno (1959, p.13):

[...] A filologia não estuda, portanto, a língua em si mesma, tratando de conhecer-lhe todas as regras para bem falar ou escrever, nem tão pouco vai pesquisar-lhe a origem, acompanhando-lhe a evolução através de todas as suas faces históricas, mas unicamente como instrumento que serviu de expressão ao pensamento, as emoções artísticas de um povo.

Assim sendo, foram inúmeras as contribuições desta disciplina, pois compreendi que a Filologia tem como função interpretar o pensamento e a cultura de um povo através de seus documentos escritos, deste modo, onde não houver documentos literários não há filologia.

A disciplina Leitura e Produção de Textos II, ministrada pela professora formadora GiankaSalustinoBezerril, com carga horária de 60hs, ressalta em sua ementa trabalhar leitura e produção de textos com ênfase no texto argumentativo, objetivou a prática de leitura e produção de gêneros argumentativos: prática de análise textual, leitura como subsídios para produção textual argumentativa, análise dos dados, concernentes, à organização linguístico-discursiva do texto argumentativo.

Os conteúdos foram divididos assim: macro estruturas e seqüências argumentativa (seqüência mínima e complexa; gêneros argumentativos; organização/ sistematização; propriedade de um texto argumentativo, estrutura do parágrafo argumentativo, progressão argumentativa; argumentos e contra-argumentos, tipos de hierarquias dos argumentos; encadeamento semântico, elementos da coesão, tema, tese, tipos de argumentos, produção de texto considerando a característica de cada gênero).

Para dinamizar utilizou a seguinte metodologia: aulas expositivas, atividades de leitura, produção de textos, discussão de textos teóricos, atividades de campo inerentes a prática como componente curricular; processos de escrita e reescrita, como procedimento avaliativo realizou atividades de leitura, bem como, o desempenho em relação aos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais.

Trata-se de uma disciplina que foi bastante significativa, pois compreendi que a argumentação caracteriza-se como uma das ações humanas que visa ao convencimento, já que uma boa argumentação depende primeiramente da clareza dos objetivos e depois da solidariedade entre os argumentos todos devem conduzir para o mesmo objetivo. Como argumentar é firmar uma posição diante do problema, um compromisso com a informação e conhecimento, não é possível construir uma boa argumentação com argumentos fracos, falsos ou incoerentes.

Segundo Meurer e Bonni (2005, p. 220-221), “argumentar no sentido mais elementar é direcionar a atividade verbal para o convencimento do outro ou, mais especificamente, é a construção por um falante de um discurso que visa modificar a visão do outro sobre determinado objetivo, alternando assim, o seu discurso”.

Em suma argumentar não é, portanto convencer a qualquer custo, mas sim propor uma opinião no mínimo verossímil, dando ao interlocutor boas razões para que possa aderir a ela.

Dessa forma é necessário que a argumentação seja convincente e fundamentada com base em dados informações para que ganhe consistência e credibilidade.

A disciplina literatura de língua portuguesa III, com carga horária de 40h, foi ministrada pelo professor Samuel Anderson que propôs em sua ementa trabalhar a presença das minorias étnicas e sexuais na literatura: o índio a mulher, o negro, eo homossexual como personagens ou autores.

O mesmo objetivava conhecer a literatura que trabalha com as minorias refletir sobre o papel das minorias e sexuais na literatura; discutir acerca da representação do índio, da mulher, do negro, e do homossexual.

Os conteúdos foram divididos em quatro blocos temáticos; primeiro bloco afigura do índio na literatura brasileira; o segundo bloco a mulher e sua representação na literatura e o terceiro bloco o negro como representação na literatura brasileira, e o quarto bloco a presença do homossexual na literatura brasileira.

Sua metodologia foi baseada em aulas expositivas interativas, elaboração dos trabalhos leituras e discussão de textos, seminários e atividades dirigidas. Esses tipos de atividade propiciam discussões que favorecem a integração, contribuindo com o trabalho coletivo e solidário; permitindo o aluno fazer relação com o seu cotidiano.

Utilizando-se do seguinte processo avaliativo; participação nas discussões dos trabalhos propostos. Adotando os critérios gerais da instituição.

Para tanto se utilizou de vários autores como: Castro Alves, ALUÍSIO AZEVEDO, Letícia Andrade dentre outros.

Dentre os demais conteúdos trabalhados cito como o mais significativo nesta disciplina a presença da figura do negro na literatura brasileira, pois vimos que o mesmo não escapa ao tratamento marginalizado que desde as instâncias fundadas, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade.

Evidenciam-se na trajetória no discurso literário nacional, dois posicionamentos: a condição negra como objeto, numa visão distanciada e o negro como sujeito numa atitude compromissada.

A visão distanciada configura-se em textos nos quais o negro ou o descendente de negro reconhecendo como tal é personagem, ou em que aspectos ligados às vivências do negro na realidade histórico-cultural do Brasil se tornam assunto ou tema.

Assim denominada a matéria negra embora só ganhe presença mais significativa no século XIV, surge na literatura brasileira desde o século XVII, nos versos de satíricos e demolidores de Gregório de Matos.

Castro Alves foi o mais importante representante da poesia condoreira no Brasil. Seus poemas sociais tratam de questões como a crença no progresso e na educação como forma de aprimoramento social, da república e, principalmente, o fim da escravidão negra,

Falar sobre literatura brasileira e a figura do negro é também falar sobre a condição social do afro descendente dentro da sociedade brasileira desde seus primórdios e

amaneira como essa figuração foi se transformando, na medida em que os movimentos pela igualdade étnica e social foram se fortalecendo e o afro descendente pôde assumir a narração de sua própria história.

Enfim foram inúmeras as contribuições da disciplina, pois compreendi que o professor tem de estar preparado para aceitar o desafio de uma prática em que, assumindo uma postura dialógica, possa contribuir para que os alunos se tornem leitores e efetivamente, cheguem à almejada competência textual e ao uso criativo e crítico das práticas sociais da leitura e da escrita.

A disciplina leitura e produção de texto III compreendeu uma carga horária de 40h, ministrada pela professora GIANKABEZERRIL, que centralizou sua ementa a leitura e produção de textos com ênfase nos gêneros discursivos acadêmicos e fatores implicados na textualidade.

Quanto aos conteúdos dividiu em: capacidade de leitura, performance em leitura, relação entre leitura e produção textual, resumos informativos ou analíticos, indicativos ou descritivos, fichamentos, resenhas e artigos.

A metodologia de trabalhos foi centrada em aulas expositiva- interativas; elaboração de resenhas, resumos, fechamentos de textos complementares, atividades de produção e leitura de textos acadêmicos.

Como avaliação realizou atividades de leitura e escrita individual e em grupo, observando o desempenho em relação aos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais. Adotando os critérios gerais da instituição.

Vale destacar que dentre os conteúdos estudados ode grande relevância para minha formação profissional foi gênero resumo, uma vez que, é um gênero textual que apresenta de forma concisa o registro das informações mais relevantes sobre um texto, pondo em relevo os elementos de maior interesse e importância.

Dessa feita, de acordo com a ABNT, o resumo crítico, também chamado de resenha crítica trata-se de uma apresentação sucinta e apreciação crítica do conteúdo, dos aspectos metodológicos, do desenvolvimento da lógica da demonstração e da técnica de apresentação de uma obra.

Sendo assim, o bom resumo deve ter uma seleção seletiva dos conteúdos e um nível informacional significativo para veicular as informações do texto-fonte de uma forma significativa.

São três os tipos de resumos considerados pela NBR6028, da associação Brasileira de Normas técnicas: resumo crítico resumo indicativo e resumo informativo. O resumo indicativo serve para mapear as informações básicas de um trabalho de conclusão de curso, artigo, monografia, dissertação de mestrado e tese de doutorado, ele é uma síntese de uma seqüência de frases concisas e objetiva, ressaltando os aspectos mais relevantes do texto original.

O resumo informativo tem como foco o resumo como instrumento para estudo por parte do aluno e para fechamentos. Ele faz parte do documento a que se alude, portanto deve ser precedido de fonte bibliográfica a que se refere.

Já o resumo crítico resumo redigido por especialistas com análise crítica de um documento também chamado de resenha. Analisa apenas uma determinada edição entre várias, denomina-se resenha.

Por fim, as contribuições da referida disciplina foram inúmeras. Compreendi que educar vai além de transmitir conteúdos e aprender não é apenas memorizar. Na missão de educar devemos adotar procedimentos que façam os alunos refletirem e tornarem-se autônomos e suficientes competentes para se integrarem na sociedade e desenvolverem seu papel de cidadão crítico reflexivo.

A disciplina Estilística ministrada pelo professor Francisco Wildson, tendo carga horária de 40h, propôs em sua ementa trabalhar a estilística e recursos expressivos da língua portuguesa: aspectos fonostilísticos, morfoestilísticos, sintático-estilísticos e semântico-estilísticos.

Objetivando possibilitar ao aluno análise de textos gêneros discursivos variados, considerando os diferentes níveis de manifestação do estilo e reconhecer recursos estilísticos que possibilitam o uso da linguagem com mais expressividade.

Quanto aos conteúdos dividiu em: concepção de estilo e implicações pedagógicas para o ensino; ensino da língua portuguesa; vícios da linguagem; figura da linguagem; coesão estilística e o efeito global de sentido.

Já a metodologia foi baseada na análise e discussões de textos

Impressos, filmes, vídeos, entre outros, leituras dirigidas, debates e seminários.

Para avaliação realizou atividades de leitura e escrita individual e em grupo, observando o desempenho em relação aos conteúdos procedimentais, conceituais e atitudinais.

Para embasamento teórico dos conteúdos estudados utilizou alguns teóricos como: Brandão, Bechara, Agustine e Possenti.

A estilística e a ciência da expressividade que considera e torna a língua mais expressiva e agradável. O termo estilo provem do latim *stills* qualquer objeto em forma de haste pontiagudo o qual passou também a significar conjunto de tendências e características formais, estéticas, que identifica ou distinguem uma obra, artista, escritor ou determinado período ou movimento ou até mesmo um objeto.

Nos estudos de língua, pode-se definir estilo como o modo pelo qual um indivíduo usa os recursos fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais, semânticos, discursivos da língua para expressar, oralmente ou por escrito, pensamento, sentimentos, opiniões, etc.

Estilo é o uso individual dos recursos expressivos da língua.

De acordo com Silvio Elia (1978:78), é “o máximo de efeito expressivo que se consegue obter dentro da possibilidade da língua”.

Esta disciplina foi de grande relevância para minha formação profissional, uma vez que compreendi que os estudos estilísticos me nortearam a compreensão da língua portuguesa.

Morfossintaxe II foi ministrada pela professora Maria Aparecida tendo uma carga horária de 40h, contemplou em sua ementa, estudos de fatos morfosintaxe nos níveis fundamental e médio.

Objetivou discutir princípios básicos para a análise morfosintática sob as perspectivas nos níveis de ensino fundamental e médio e criticamente a abordagem de conteúdos morfosintáticos e atividades propostas nos manuais didáticos.

Baseou sua metodologia de trabalho no diálogo e na atividade do professor aluno, visto como construtor do seu conhecimento, através do processo básico de leitura e escrita e expressão oral do entendimento sob orientação e a ação mediadora do professor formador.

Para a avaliação adotou os critérios gerais da instituição enfatizando a necessidade da participação efetiva nas atividades, empenho busca de qualidade nos trabalhos acadêmicos, tanto no que se refere aos aspectos procedimentais, conceituais e atitudinais.

Dentre os demais conteúdos trabalhados destaco o conteúdo não basta saber gramática para falar, ler e escrever com sucesso, pois se a língua e gramática não se equivalem, saber gramática não é suficiente para conseguir ler e escrever com sucesso os

mais diferentes gêneros de textos, conforme as exigências da escrita formal e socialmente prestigiada.

O ensino da gramática no Brasil assim, como todo o ensino de língua portuguesa, ainda é um dos grandes entraves para a formação do cidadão letrado. Por ser um assunto denso e amplo, deve ser tratado com cautela e perícia, de modo a não cair em soluções aparente sem afirmações de caráter panfletário, não embasada numa proposta sólida sobre a realidade daqueles a quem mais interessa o ensino, não só dessa disciplina mais de todo o corpus de conhecimento produzido pela sociedade e que de alguma forma deve chegar ao cidadão sob pena de excluí-los dos bens sociais, econômicos e culturais que lhe pertencem por direito.

À luz desses fatos Fonseca & Fonseca (1977, P, 153) afirmam que “a aula de língua visa ao desenvolvimento e a estruturação da competência comunicativa do aluno que o tornará apto a usar melhor sua língua obtendo sucesso na adequação do ato verbal as situações comunicativas”.

Sendo assim, a escola nesse novo contexto paradigmático, tem como função social preparar o aluno para os mais diversos momentos com os quais irá se deparar na atual sociedade.

Portanto as contribuições dessa disciplina foram inúmeras, pois compreendi que o docente como promotor de um ensino de língua, prepare o aluno, desenvolvendo, efetivamente sua competência comunicativa e suas habilidades de linguagem.

Destaco também a disciplina prática pedagógica III, que foi ministrada pela professora Tânia Aires que centralizou sua ementa a análise de manuais didáticos de língua portuguesa. Relatórios e organização do ensino do portfólio, buscando investigar a prática pedagógica numa perspectiva interdisciplinar e adotando uma postura reflexiva.

A mesma objetivava analisar os livros didáticos de língua portuguesa destinada aos alunos do ensino médio e anos finais do ensino fundamental. Para tanto, os conteúdos trabalhados foram: estrutura organizacional do livro didático de língua portuguesa e abordagem teórica metodológica, verificar como se constituem as atividades de leitura no livro didático. As propostas de escrita, as atividades de oralidade, a construção do portfólio.

No que tange a metodologia de ensino, utilizou-se de análise e discussões de manuais didáticos de língua portuguesa bem como de oficina.

No que se refere aos métodos de avaliação a professora utilizou-se de atividades de leitura e escrita individual e em grupo um texto sobre aspectos do livro didático e a escrita de um portfólio.

Hernandez (2000, p.166)

“Um continente de diferentes tipos de documentos (anotações pessoais, experiências de aula trabalhos pontuais controle de aprendizagens, conexões com outros temas fora da escola, representações visuais etc.) que proporciona evidências do conhecimento que foram sendo construídas, as estratégias para aprender e a disposição de quem o elabora para continuar aprendendo”. (Hernandes 2000, p.166)

Concordo com o pensamento do autor, pois o portfólio é um documento que permite o aluno comparar que sabia de início e que foi construído ao longo do processo escolar, e fazer uma reflexão sobre o que conseguiu aprender.

Em fim foram inúmeras as contribuições dessa disciplina, pois me proporcionou refletir minha ação como professora e refazer minha prática.

Em se tratando da Disciplina Estágio curricular Supervisionado I, foi ministrado pela professora Rosalye Felix tendo uma carga horária de 100 h aula, que propõem sua ementa a reflexão e discussão das bases para um projeto de ensino de português no ensino fundamental, a partir da revisão crítica da escola, do trabalho do educador e da metodologia de ensino; observações e reflexões das concepções de língua e de ensino; a leitura e produção textual e o uso dos recursos lingüísticos inserção no contexto escolar; observação participativa, regência escolar.

Dessa feita, objetivou refletir sobre as bases de um projeto de ensino de português no ensino fundamental e sua aplicabilidade, através da inserção da observação e da regência no contexto escolar.

Os conteúdos foram: concepção de leitura, língua e ensino, leitura, produção textual uso dos recursos lingüísticos, uso dos recursos didáticos e os procedimentais, elaboração de plano de aula, uso de recursos didáticos e os atitudinais, interação em sala de aula.

Utilizando-se de uma metodologia de trabalho, centrada no diálogo e na atividade do aluno construtor do seu conhecimento, através dos processos básicos de leitura expressão oral do entendimento, sob a orientação e a ação mediadora do professor formador.

No que tange a metodologia observou a análise do desempenho em relação aos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, trabalhos individuais e grupais, participação nas atividades de produção de planos de aula, relatório parcial e relatório final do ECS, I, apresentação emitida pelo professor titular da sala de aula ECSI apreciação emitida pelo professor orientador ECSI, auto avaliação da carga horária do ECSI.

À luz desses fatos Pimenta (2006, p, 129) afirma que: O estágio “se configura como espaço de reflexão de suas praticas apartir das teoriasde formação continua de ressignificação de seus saberes docentes e de produção de conhecimentos”.

Portanto o estágio me proporcionou aprendizagens e reflexões sobre ação profissional, uma visão critica da dinâmica das relações institucionais, tendo em vista possibilitara ao educando reelaborar e elaborar novos conhecimentos.

A referida disciplina Estudo do letramento ministrado pela professora Tânia Aires, tendo uma carga horária de 4h aula, propôs em sua ementa trabalhar os seguintes assuntos: Origens do letramento no Brasil, Alfabetização e Letramento, Diferença entre alfabetização e letramento, Modelos de letramento, Pratica e eventos de letramento.

Seu objetivo proporcionar situações didáticas que possibilitam a reflexão, a análise e a discussão sobre alfabetização e letramento.

Sua metodologia, aulas expositivas interativas, pratica de leitura e produção de textos orais e escritos.

Com processo avaliativo, observou a participação nas discussões e a realização de atividades de leitura em grupo e individual observando o desempenho aos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais.

Dentre os conteúdos destaco Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna; este trabalho discute a relevância do conceito para o ensino e aprendizagem de língua materna em todos os ciclos do ensino fundamental e médio. Oartigo argumenta contra a dicotomia que limita a relevância dos estudos do letramento á pratica de alfabetização. Essa dicotomia determina que, enquanto professores alfabetizadores se preocupam com as melhores formas de tornar os seus alunos letrados, os professores de língua materna se preocupam com as melhores formas de introduzirem os gêneros embora o aluno da quarta, sexta ou oitava serie do ensino fundamental, assim como o alunode ensino médio esteja também, ao longo processo de letramento. Como afirma a autora ÂngelaKleiman, que a escola agência de letramento por nossa sociedade, que devem ser criados espaços para experimentar formas de participação nas praticas sociais de letradas é,

portanto, acredito também na pertinência de assumir o letramento, ou melhor, o múltiplo letramento da vida social, com o objetivo estruturante do trabalho em todos os ciclos.

Para Soares (2001, p.34):

O termo letramento surgiu porque apareceu um fenômeno novo que não existia antes, ou se existia não nos dávamos conta dele, e, como não dávamos conta dele, não tínhamos nome para ele.

Pode ser uma aprendizagem de natureza perceptual e motora ou de natureza conceitual.

Enfim, foram inúmeras as contribuições desta disciplina, uma vez que, me fez refletir que, a formação de leitores depende de uma escola que dê acesso ao mundo da leitura e a tudo que ela possa proporcionar.

Destaco, também, a disciplina de Libras, ministrada pela professora Daise Galvão, com uma carga horária de 40h que propôs em sua ementa promover o estudo da língua de sinais e educação para pessoas surdas nas suas dimensões básicas: o saber, o fazer; analisa a educação inclusiva como um espaço interdisciplinar a partir das práticas sociais e dos discursos sobre a diversidade e identidade, bem como os múltiplos efeitos no cotidiano escolar e na prática pedagógica. Alfabeto manual e os sinais para o aprendizado e interpretação da língua Brasileira de Sinais-LIBRAS. Fatores intervenientes na aprendizagem do portador de deficiência de áudio-comunicação. Ambiente computacional para aprendizagem de LIBRAS.

Objetivando assim reconhecer a inclusão escolar e seus aspectos sociais políticos e históricos, no cenário nacional, descreve e analisa a trajetória histórica e política de surdos no Brasil, evidenciando as mudanças conceituais, as lutas e avanços ocorridos na área; conhecer os sinais básicos de LIBRAS, contribuindo para um trabalho de qualidade na educação dos surdos.

Utilizando uma metodologia baseada em estudos individuais e em grupo, exposição dialogada, análise de situações-problemas, vivências.

Para avaliar considerou as competências adquiridas em relação aos conteúdos trabalhados, bem como as relações do saber, ser, fazer, e conviver.

A professora abordou, também, o artigo intitulado situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão e exclusão. A proposta deste artigo é analisar alguns aspectos referentes às políticas públicas de inclusão de crianças especiais, mais especificamente de crianças surdas. A partir de algumas considerações, propor-se-á

umareflexão sobre as diferenças implicadas na educação de surdos que passam a ser confrontadas com as propostas atuais de inclusão.

As políticas nacionais de inclusão escolar estão baseadas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação do Brasil (LDB, Lei 9394/1996) que define Educação Especial como a modalidade escolar para educando “portadores de necessidade especiais”, preferencialmente na rede regular de ensino.

A política de inclusão escolar tem como objetivo a promoção da educação para todos. Na prática, as políticas quase ignoram, ou talvez, interpretam a palavra “preferencialmente como exclusivamente” na rede regular de ensino.

Assim, prevê-se o atendimento dos portadores de necessidades especiais na rede regular de ensino com serviços especializados, quando necessário. Este discurso e esta prática não são contestados por parte do governo, no entanto, percebem-se vozes silenciadas de alunos e educadores evocando ou denunciando as contradições observadas nas políticas integradoras.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências vivenciadas no decorrer desse segundo semestre e durante a elaboração deste memorial de avaliação educacional impulsionaram-me para compreensão de novos conceitos e atitudes e valores que passaram a complementar a minha prática pedagógica, juntamente com uma nova postura autônoma, crítica e reflexiva frente às problemáticas pertinentes ao meu ensino e aprendizagem dos meus alunos.

É oportuno dizer que as reflexões acima ampliaram meus conhecimentos a cerca da profissional que sou, permitindo um encadeamento lógico de discussões que nortearam a construção do papel que devo desempenhar, tanto em sala de aula quanto fora dela.

Ao construir este trabalho não tive muitas dificuldades, uma vez que já possuía maior embasamento e segurança para formulá-lo, haja vista que obtive experiência com a construção do trabalho anterior.

As contribuições teóricas e práticas concedidas pelo curso desencadearam uma gama de novas idéias significativas a cerca da função da escola, do papel do professor e do aluno, que oportunizaram mudanças de conceitos e atitudes e resultaram em ensino e aprendizagem de qualidade.

Portanto, depois de toda essa vivência, encontro-me com mais embasamento teórico para atuar em sala de aula, sabendo que a minha formação deve ser contínua e que devo aprender a aprender.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Elizete. **Devaneio do Olhar: uma experiência de produção e leitura da imagem através do vídeo na prática pedagógica.** Dissertação de Mestrado.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília MEC/CEF, 1998.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Referencial curricular nacional para educação infantil. Brasília, DF: MEC, 2001.

BRASIL. **parâmetros curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversal e ética.** Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **parâmetros curriculares nacionais: ensino médio/ministério da educação.** Brasília: MEC, SENTEC, 2002.

CAGLIARI, Luis Carlos. – **Alfabetizando sem o BA, BE, BI, BO, BU.** São Paulo, ed. Scipione, 1998.

CALVINO, Ítalo. **Por que Ler os Clássicos?** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CERISARA, Ana Beatriz. **O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil no Contexto das Reformas.** Educ. Soc. Vol. 23 no. 80 Campinas Sept. 2002.

ELIA, Silvio. **Orientações da lingüística moderna.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1978.

GADOTTI, Moacir. **Convite a Leitura de Paulo Freire.** – 2 ed. São Paulo: ed: Scipione, 1991.

GONZALLES, P, Carlos Bernardo. **Curso de Iniciação Logosófica: estudo e prática dos conhecimentos que informam** – 16ª edição – São Paulo: Logosófica, 2001.

HERNANDÉZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

FONSECA, Fernando Irene. FONSECA, Joaquim. **Pragmática Linguística e Ensino de Português.** Coimbra Almeida, 1977.

LIBANEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo. Ed. Cortez, 1994.

NÓVOA, Antônio. **Entrevista concedida ao programa Salto para o Futuro**, em 13 de setembro de 2001. Disponível em: http://www.tvbrasil.com.br/salto/entrevistasantonio_novoa_htm. Acesso em: 21 de abr 2012.

NÓVOA, Antonio. Os professores e profissão docente in NÓVOA, Antonio. Os professores e sua formação Lisboa Instituto de inovação Educacional,1992,p.15-34

PIAGET, Jean. **A Equilibração das Estruturas Cognitivas: problema central do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: ed: Zhar, 1966.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na Formação de Professores: unidade teoria e prática**.São Paulo: Cortez, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido; Lima, Maria Socorro L UCENA. **E estágio e docência**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SIMÕES, Darcila. **Semiótica Aplicada a Renovação do Ensino do Português: um olhar semiótico sobre a escola do terceiro milênio**. Gelne, Rio de Janeiro, p. 1-4, 2000.

SOARES, Magda. Letramento: Um tema de três gêneros- 2 ed, Belo Horizonte: Autentica, 2001.128.p.

VIGOTSKY, Lev. **A Formação Social da Mente**. São Paulo. Editora: Martins Fontes, 1991.